

Educomcast: formação docente em *podcast*¹

Edilane Carvalho TELES²

Suéller COSTA³

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro, BA

Resumo

O presente artigo tem como escopo refletir experiências educacionais da produção e uso de *podcasts* na formação docente, compreendidos como um dos percursos comunicativos, ao serem propostos à práxis pedagógica, como um ‘outro’ modo de interação para o entendimento da interface Comunicação e Educação, com a inclusão de tecnologias e mídias nos currículos. Para tanto, centra nos percursos das formações, a partir dos processos e meios comunicacionais presentes no projeto que os incluem à construção argumentativa e discursiva promovidas por esta mídia sonora. Esta é uma investigação com viés metodológico de pesquisa participante, por constituir percursos teórico-práticos idealizados pelos próprios pesquisadores em suas ações cotidianas, como orientação profissional em diversos contextos e segmentos educacionais.

Palavras-chave: rádio, *podcast*; práticas educacionais; educação básica; formação docente.

Introdução

A escrita deste artigo perpassa por memórias que muitos de nós temos, de lembranças e notícias somente conhecidas através da mídia sonora rádio, relacionadas, há tempo, a um contexto histórico de um passado/presente de interação com os meios de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. Coordenadora do Observatório de Educação Midiática e Tecnológica na formação docente e do GP Polifonia, DCH III/UNEB. Membro do Mecom, ECA/USP. E-mail: edilaneteles@hotmail.com.

³ Jornalista, Educadora, Educacional e Pesquisadora. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Estudos da Linguagem, em Educação, Tecnologias na Aprendizagem e Alfabetização e Letramento Digital. Atua como professora da Educação Básica, colunista especializada em textos voltados a educação e cultura, articuladora de projetos educacionais no ensino formal e não-formal. Idealizadora do projeto Educom Alto Tietê. Membro do GP Polifonia, DCH III/UNEB E-mail: sueller.costa@gmail.com.

comunicação diferentes daqueles utilizados na atualidade, das tecnologias e mídias digitais, e o que nos reporta à sua utilização em ‘outros espaços-tempos’, cujas apreensões e aprendizagens são construídas com a escuta dos programas. Nesse entendimento, possuem inserções diversas, principalmente pelos acessos dos usuários/públicos aos dispositivos móveis, que ampliam as escolhas e alteram as interações por meio do *clic* nas conexões disponíveis.

Assim, falar do rádio e do potencial que tem como meio de acesso a muitas informações e/ou conhecimentos faz-se necessário, em especial, pelo grande alcance simultâneo a muitas pessoas, promovendo uma ‘coluna sonora’ de radiodifusão nos lugares onde a internet ainda é uma problemática não resolvida, pela ausência ou baixa conexão. Contudo, cabe destacar que a emergência e/ou criação das tecnologias digitais não excluíram as ‘ondas do rádio’, ao contrário, as potencializaram. Nesse sentido, considerando a educação, os contextos e as realidades nos variados segmentos de ensino, o que se pretende demonstrar é que poderia configurar-se em um ‘*medium* e lugar’ de destaque nas ações cotidianas de docentes na educação básica, uma vez que é de fácil manuseio, o que pode ampliar as possibilidades de inclusão das TIC’s (Tecnologias da Informação e Comunicação) e mídias nas práticas formativas. Assim, para justificar este percurso, algumas experiências foram escolhidas como possibilidades na construção dos discursos, percursos e práticas aqui apresentados, para favorecer a inclusão e usos do rádio na educação.

As experiências citadas referenciam o rádio como um meio de comunicação situado em diferentes momentos históricos, muitas vezes subjugado pelas mídias e tecnologias digitais, principalmente, com o advento da *internet*, a qual alterou os modos e formas de interação, bem como ampliou seu próprio potencial de alcance com a transmissão *on-line*, pelos *podcasts* e serviços de *streaming*, como, por exemplo, o *Spotify*, como mais uma das vias do processo com o meio.

As relatividades e alternâncias nos modos de usos encontradas, assim como de sua inserção e implicação nos contextos, também dependem da provocação temática e difusão discursiva que promove, sendo ainda compreensível que sua utilização é

presente e necessária, principalmente em um país como o Brasil, com a conectividade limitada e de proposições continentais. Assim, sua presença continua, o que pode incorrer em outros percursos nas formações, nos currículos e segmentos de ensino, sendo uma das possibilidades das ‘ondas’ comunicativas que têm como escopo principal promover a difusão de conhecimento e produção de outros tantos.

Com vistas a compreender seu potencial, este ensaio apresenta o percurso de um projeto de formação docente e educomunicação com o rádio, por meio da *RadioEdu Brasil*, que vai na contramão e ao mesmo tempo dialoga com as tecnologias e mídias digitais, para destacar a relevância desta mídia sonora que alcança lugares onde apenas tecnologias desta modalidade chegam, salientando ainda a imaginação e a comunicação através das vozes e dos discursos, deixando aos sujeitos a construção imagética dos cenários, das cenas e representações com as elaborações das informações e dos conhecimentos difusos. Assim, serão abordados:

- a interseção do rádio e o uso do *podcast* na educação;
- o potencial que tem a partir da construção e apresentação de um projeto que o contempla num viés educacional;
- sua implicação de mídia sonora nas práticas pedagógicas e nos currículos, bem como na formação docente.

Para tanto, é preciso compreender os percursos construídos na interface (Comunicação e Educação), numa experiência que se propõe como um caminho de transformação da realidade educacional.

A inclusão da linguagem do rádio na educação

Fazendo um salto ao passado, relembramos a primeira transmissão radiofônica no Brasil, que ocorreu em 7 de setembro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro. Na memória em registro, o dia era de comemoração ao Centenário da Independência do Brasil, encontrando na história que esta mídia sonora foi trazida por uma empresa americana, que implantou uma antena e uma estação no alto do morro do Corcovado. Faz parte, ainda, que as primeiras ‘ondas sonoras’ do rádio propagaram o discurso do

então presidente Eptácio Pessoa, além da ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes, a qual foi transmitida a partir do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, configurando, assim, algumas interações sobre as quais destaca-se a comunicação e/ou transposição do teatro ao rádio, da transmissão, presencialmente, para poucos; porém, para muitos, considerando os que tiveram acesso, na época, aos aparelhos em sintonia e que estavam distribuídos em diversos lugares (BRASIL, 2020a; 2020b).

Apesar do potencial, a primeira transmissão não resultou na popularidade imediata do rádio no país. Foram pelos entusiastas e promovedores deste meio que viu-se aumentar a difusão das possibilidades em aberto, através dos relatos e histórias comunicadas, cantadas e narradas. Edgar Roquette Pinto (1884/1954) foi o maior dos admiradores do rádio no Brasil, o qual passou a propor, em muitas frentes, a união da arte e ciência. Sua articulação comunicativa também contribuiu fortemente para a concepção de uma rádio num viés mais educativo. Em 7 de setembro de 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi doada ao Ministério da Educação e Saúde e, atualmente, é a Rádio MEC AM 800 kHz - Rio de Janeiro (BRASIL, 2020a; 2020b). Segundo Andrelo (2012, p.142), o lema era “[...] levar a cada canto do país um pouco de educação, ensino e alegria”, nesse entendimento o rádio brasileiro aproximava-se ainda mais da educação, pois

[...] o rádio educativo, na perspectiva da Rádio Sociedade, afirmava-se como um veículo de políticas públicas destinado a organizar e difundir culturalmente, num todo orgânico, os conhecimentos reveladores da identidade nacional como a língua, os costumes e a história. O rádio aparecia associado à ideia de divulgação da ciência e da modernidade, constituindo-se em meio eficaz para a realização da obra salvacionista de educação dos brasileiros. Obra de instrução pública que se adequava às exigências da sociedade industrial. (RANGEL, 2010, p.99)

Passado quase um século, o rádio ainda não caminha lado a lado com a educação, promovendo muitas mensagens nem sempre educativas, entre publicidade, notícias, histórias diversas e narrativas do cotidiano. Entretanto, possui potencial de interação com projetos que unem rádio à educação, os quais fizeram/fazem parte de alguns currículos e contextos em várias escolas em todo o Brasil ao longo dos anos. Neste percurso, as demandas e proposições educacionais deveriam oportunizar aos

alunos uma rádio dentro da escola. Seria um canal que dialogaria com a comunidade e, ao mesmo tempo, permitiria trabalhar competências, inclusive as sugeridas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), relacionadas à comunicação para o desenvolvimento da argumentação e da cidadania (BRASIL, 2020).

Segundo o documento, as competências 4, 7 e 10 possibilitam:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

[...]

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

[...]

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL/BNCC, p.10)

Aspectos que, de certa forma, sustentam a proposta do rádio/*podcasts* nos contextos das formações, como meio para construir e/ou desenvolver as linguagens, para a expressão das experiências, a construção da argumentação sobre os fatos, dados e informações que envolvem a vida dentro e fora da escola, num exercício cidadão pautado nos princípios éticos e democráticos, perpassando pela construção discursiva crítica sobre as coisas.

O projeto *Educomcast* na *RadioEdu Brasil*

E se houver a união de rádio e de *podcast*? É o que pretende a *RadioEdu Brasil*, um projeto de educomunicação que tem como objetivo ser um espaço de veiculação de produções sonoras produzidas por professores e estudantes. Conforme sugere Ferraretto (2014, p. 298), “o termo genérico rádio compreende, portanto, manifestações diversificadas, a saber: (1) rádio de antena ou hertziano, correspondendo às formas tradicionais de transmissão por ondas eletromagnéticas; (2) rádio *on-line*, que engloba

todas as emissoras operando via internet”. Deste modo, o projeto classifica-se como uma rádio *on-line*, que pode ser denominada de *web* rádio, uma vez que disponibiliza suas transmissões exclusivamente na *internet*.

Além de ser uma rádio *on-line*, a *RadioEdu Brasil* mantém em sua grade de programação uma série de *podcasts*, que são produzidos por professores de variadas instituições educacionais; desenvolve e participa de iniciativas educacionais, a fim de propiciar experiências com a produção de mídias digitais ou analógicas.

O *EducomCast* passou a integrar a programação a partir de março de 2021. O projeto foi realizado pela *RádioEdu Brasil* e os grupos de pesquisas Mecom (Mediações Educomunicativas), da ECA/USP; e Polifonia, da UNEB (Universidade do Estado da Bahia). As produções trazem, pela linguagem sonora, uma síntese dos encontros formativos realizados durante o curso “Mídias e Tecnologias na Interface Comunicação e Educação”, promovido virtualmente entre os meses de setembro e dezembro de 2020, que contou com a participação de professores, especialistas, estudantes e interessados na temática. A 1ª temporada, disponível no Spotify, Google Podcast e no Spreaker, elenca, ao todo, dez episódios.

O primeiro episódio, “*Interface Educação e Comunicação*”, com o Prof. Dr. Adilson Citelli (ECA/USP), enfatiza a importância do diálogo entre estes dois campos para traçar um plano comunicativo no âmbito escolar. Aponta, ainda, possibilidades para promover a conscientização quanto aos usos das tecnologias da comunicação e informação nos diferentes espaços de aprendizagem. O segundo episódio, “*Abordagens pedagógicas e a inclusão das TICs e mídias nos currículos*”, com a Profª. Dra. Ademilde Sartori (UDESC), traz um percurso histórico das TICs, algumas correntes pedagógicas e seus diálogos com a educação. Ela aponta a gestão de projetos educacionais como uma alternativa para o uso das tecnologias levando em consideração seus aspectos culturais.

O terceiro episódio, “*Aprendizagens Ativas - Pedagogia de Projetos*”, com o Prof. Dr. Edmerson dos Santos Reis (UNEB), aborda as metodologias ativas, destacando quatro delas: a Pedagogia de Projetos, Aprendizagem Baseada em

Problemas, Comunidade de Investigação e Educação Contextualizada. Com nomenclaturas e encaminhamentos diferentes, mas que se convergem e compartilham algo em comum: todas procuram trazer os sujeitos para o centro da aprendizagem, colocando-os como protagonistas neste processo. O 4º episódio, “*Metodologias Ativas*”, com a Prof.^a Dra. Dênia Falcão (IPE), também destaca as metodologias ativas, com o objetivo de entender a gênese dessas abordagens e os seus percursos até as proposições atuais. A pesquisadora aponta os desafios à educação contemporânea, que tem exigido, por parte dos educadores, maior atenção aos modos de ensinar, preocupando-se, por parte dos alunos, aos novos modos de aprender.

O 5º episódio, “*Metodologias Ativas mais utilizadas*”, com as professoras Rosângela Medeiros e Juliana Pereira Alves (UEPB), apontam as abordagens mais utilizadas pelos professores da educação básica e do ensino superior no período de aprendizagem remota. As estudiosas orientam quanto aos seus percursos, possibilidades de trabalho e os desafios para aplicá-las. O 6º episódio, “*Lendo o mundo: do livro ao Instagram e WhatsApp?*”, com as professoras Cristiane Porto (UNIT) e Rita Argollo (UESC), debate a importância do incentivo à leitura de uma forma macro devido ao cenário atual, que está permeado pela cultura digital. Traz o percurso histórico da leitura, desde a época dos pergaminhos, passando pela imprensa de Gutenberg, chegando às revoluções tecnológicas, e, por último, aos conglomerados digitais, formados pelos “chamados” Big Five, que são constituídos pelas empresas Google, Amazon, Apple, Facebook e Microsoft, e que têm influenciado novos comportamentos, estruturados no ciberespaço, ou seja, no ambiente virtual.

O 7º episódio, “*Gestão de Projetos Educomunicativos*”, com o professor Ismar Soares (ECA/USP/ABPEducom), traz um resgate histórico da Educomunicação, que é considerada, pelo pesquisador, um terceiro campo, resultante da união entre a comunicação e a educação. Ele nos apresenta o conceito, o desenvolvimento, as fundamentações acerca deste paradigma, e, ainda, desvenda as áreas de intervenção em que as ações podem ser idealizadas. Concentra suas orientações na terminologia, que sustenta uma base dialógica, mobilizadora e com viés transformador. O 8º episódio,

“*Linguagens das Redes à Escola: Fake News, Memes e Algoritmos*”, com Douglas Calixto (MECOM/ECA/USP), Michel Carvalho da Silva (MECOM/UFABC) e Rogério Pelizzari (MECOM/ECA/USP), falam de *memes*, *fake news*, algoritmos, dentre outros gêneros decorrentes dos ambientes virtuais, e argumentam como eles vêm reconfigurando a cultura, e, em especial, a dos jovens, que estão cada vez mais imersos neste ambiente.

O 9º episódio, “*Ensino Remoto, o Ensino Híbrido e a Educação a Distância*”, com Eliana Nagamini (FATEC-SP) e (MECOM/ECA/USP) e Maria do Carmo de Almeida (UNITAU) e (MECOM/ECA/USP), esclarecem as diferenças e similaridades entre ensino a distância, ensino remoto e ensino híbrido. Discorrem sobre as interlocuções entre estas abordagens e apresentam possibilidades para a aplicação nos diferentes ciclos de ensino, tendo como foco principal manter a interação com os alunos nos ambientes digitais de aprendizagem. O 10º episódio, “*Games e Educação*”, com a Prof.^a Dr.^a Dulce Márcia Cruz (UFSC/EDUMIDIA), apresenta a Aprendizagem Baseada em Jogos, os caminhos para engajar e envolver os alunos nas atividades e as possibilidades para explorar o potencial educativo desta abordagem que estimula o conhecimento em diferentes áreas.

O objetivo do *Educomcast* é colaborar com a formação de estudantes de licenciaturas e demais professores da educação básica ao ensino superior com estudos e proposições teórico-práticas envolvendo as mídias e tecnologias na interface Comunicação e Educação. Embora breve em proposições, cada áudio tem em média uma hora de gravação, os encontros ampliam o envolvimento dos grupos com os convidados para os episódios, que estão colaborando com a produção de um outro meio a ser explorado durante a formação docente, o *podcast*. E, ainda, mantem vivo o interesse pela linguagem sonora, cujo alcance vai além das telas.

O *podcast* na educação e o percurso histórico da RádioEdu Brasil

Se comparado ao rádio, o *podcast* é uma mídia nova, um gênero discursivo de elaboração de enunciados, com a diferença que pode ser ouvido quando quiser, disponível na *internet*. Assim, rádio e *podcast* se assemelham por conta da transmissão

sonora, mas são distintas em relação à emissão. O primeiro utiliza-se de meios analógicos e digitais; enquanto o segundo adota somente os meios digitais. Quanto à conceituação, o rádio e sua distribuição é um

Meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários. Sua origem, no início do século 20, confunde-se com a de, pelo menos, outras duas formas de comunicação baseadas no uso de ondas eletromagnéticas, para transmissão de voz humana a distância, sem a utilização de uma conexão material: a radiotelefonia, sucessora da telefonia com fios, e a radiocomunicação, essencial para a troca de informações, de início, entre navios e destes com estações em terra ou, no caso de forças militares, no campo de batalha. [...] (FERRARETTO, 2014, p.18)

Com relação ao *podcast* e sua distribuição, Primo explica que

[...] o tempo de produção e publicação não coincide com o da escuta. Após gravar a versão final do programa em um arquivo de áudio (normalmente em formato MP3), o podcaster o envia para um servidor. É preciso também fazer o upload de um arquivo RSS (Real Simple Syndication)⁴. Este pequeno arquivo de texto, escrito na linguagem XML¹⁷, permite que softwares chamados de “agregadores”⁵ possam ser “avisados” quando um novo episódio do podcast foi publicado, disparando seu download automático. Essa desincronia entre produção, publicação e escuta não é necessariamente um problema, como se poderia pensar, e proporciona novas formas de interação[...] (2005, p. 7)

A *RadioEdu* nasceu para dar voz a alunos e professores, pois muitas das produções feitas em sala de aula, como áudios e *podcasts*, não tinham, no contexto onde emerge, uma audiência real, aspecto que descaracterizava a ação dos projetos formativos, por distanciar muito da realidade, perdendo sentido da sua realização. Estreou a programação em dezembro de 2019, com o objetivo de fazer produções de áudios sobre as temáticas relacionadas aos cenários formativos, bem como outras ações que pudessem promover o pensamento, a reflexão e a crítica sobre os fatos, as informações, as notícias sobre a realidade. Dentre outros percursos, o projeto visa,

⁴ MP3 e RSS, enquanto recursos tecnológicos, dão suporte à livre expressão, algo semelhante ao que ocorreu com o *fanzine* e o *xerox*, reservados às devidas proporções. Uma diferença é que o *fanzine* tem alcance bastante restrito, pois é normalmente distribuído de mão em mão ou por correio convencional. Já o *podcasting* é um fenômeno da Internet, portanto, de alcance global. Nesse sentido, não importa onde esteja o *podcaster* ou o servidor onde hospeda seus episódios. Seus *podcasts* podem ser acessados a partir de qualquer computador ligado à rede, diferentemente da radiodifusão cujo alcance depende da potência de seus transmissores.

⁵ Programas como o iTunes, da Apple, combinam a função de reprodução de arquivos de áudio com a de consulta de arquivos RSS cadastrados.

também, à visita a escolas para discutir, a princípio, as questões da educação midiática, e, em seguida, ampliar para o viés da educomunicação, uma vez que o envolvimento da rádio inclui os processos e meios comunicacionais na inter-relação com as demandas do entorno.

Portanto, um trabalho importante a ser realizado com os docentes, para a compreensão da ideia e dos significados, além de evidenciar os aspectos positivos ao atuar com os princípios educomunicativos; e os discentes, com a realização, nas escolas, de programas com os alunos em diferentes contextos, formais e não-formais, mas sempre tratando de educação como tema central das discussões. A seguir, algumas considerações do projeto:

- Realiza as propostas dos programas em parceria com outros profissionais voluntários, na produção de roteiros e *podcast*, geralmente relacionados com os temas da educação e das realidades dos entorno;
- Em outubro/2020, iniciou com os primeiros programas ao vivo, exclusivo do projeto, com duração de 30 minutos, sendo planejado e escolhido o *podcast* como proposta principal, realizado num formato denominado de automático, numa função chamada *auto-deejay*, que tem como objetivo promover a formação de professores;
- Sua implicação e referência são as formações dos professores, pois acredita-se que também podem ser potencializadas por meio de áudio, como um oferecimento de mais um canal de diálogo e de qualificação profissional. Foi identificado antes e durante os primeiros meses do projeto que ainda existem professores que não acessam *YouTube* e *Instagram* e, se de alguma maneira acessam o rádio, seja analógico ou digital, este pode constituir um dos canais de espaço formativo; a dificuldade em realizar a formação por meio de oficinas por requerer mais do que voluntariado, bem como equipamentos e materiais;
- Está relacionado especificamente à educação básica, pois a ideia nasceu também dos gêneros propostos na BNCC (2017). Identifica-se dificuldades de entendimentos sobre o que significam, o que implica a necessidade real do que propõe, ou seja, uma

‘audiência real’ para alunos e professores, um espaço para apresentar/socializar os próprios trabalhos. Entretanto, por conta da pandemia, busca-se ainda compreender como realizar, quando nos limitamos aos dispositivos eletrônicos e de dados móveis, ou, ainda, recursos limitados de gravação. Nesse sentido, algumas reflexões ocorrem, principalmente quanto ao ensino remoto, da dificuldade de ter acesso ao rádio, computadores, *internet*, assim como de outros dispositivos;

- A princípio, as discussões emergem do campo da educação midiática, estudos que ocorrem há muito tempo e amparam as ideias e ações do projeto. Para, em seguida, ao deparar com o crescente interesse que muitos demonstram, seguir com os estudos da interface, e, paulatinamente, configurar-se num viés mais educacional, pela gestão dos processos e formação dos ecossistemas comunicativos, como células em formato interdisciplinar, de dentro e fora e vice-versa, dos contextos das escolas;
- O limite maior é a constituição do projeto como uma ação ‘solo’, apenas dos professores que se interessam, cujos recursos são limitados. Isto torna a iniciativa de difícil realização ou até mesmo inviável, uma vez que está centrado na ‘pessoa’ que o realiza⁶, ou seja, o professor que propõe algumas ações;
- A ausência de recursos é outro problema que inviabiliza e/ou dificulta seu funcionamento, prejudicando a potencialização de uma audiência real, para trabalhar com alunos, escolas e professores, o que demanda políticas públicas que financiem propostas como esta.

Um dos aspectos relevantes no projeto é a possibilidade dialógica de intervenção e uma construção coletiva que olha para a realidade, o que nos indica que este seria um excelente ‘canal sonoro’ de escuta e amplitude das vozes, com a abordagem de pautas referentes aos contextos em que os sujeitos estão inseridos, sendo uma forma de resgatar as histórias nestes espaços vivenciados. Para Arroyo (2013), este resgate histórico, não só local quanto regional e nacional, é essencial e deveria estar contemplado no currículo e na formação. No entanto, tem sido, cada vez mais,

⁶ Renato Hendrigo idealizador e gestor da RadioEdu Brasil.

silenciadas, enquanto outras áreas, especificamente, voltadas ao aspecto mercadológico, ganham mais espaço nos documentos que direcionam as normativas educacionais.

Talvez uma pista de entendimento seja porque os currículos escolares optaram pela mercadorização do conhecimento. O mercado não se volta para o passado, nem para as lições de memória; despreza-as. A mercadorização dos conhecimentos nos currículos levou o esquecimento da história e das memórias. As avaliações nacionais e internacionais apenas valorizam o desempenho nas competências esperadas pelo mercado, a história, memória, cultura não são sequer avaliadas como se não fizessem parte dos currículos. (p. 316)

A *RadioEdu Brasil*, assim como os caminhos construídos pela mídia escolhida, possibilita um contraponto importante para compreender e enfrentar o silenciamento e a anulação das vozes nos percursos das muitas histórias, bem como da construção de uma memória que efetivamente fica registrada. Para tanto, é preciso a investigação e entendimento dos letramentos presentes, que se tornam multiletramentos, de áudio, vídeo, imagens, edição, diagramação, novas/outras práticas de interpretação, produção e análises. Não se pode ignorar a presença destas linguagens dentro da escola e nas formações (ROJO; MOURA, 2012).

Desde o início, alguns dados são possíveis de serem observados e analisados, a partir das ações implementadas com a rádio/*podcasts*: são aproximadamente 11 mil acessos ao site⁷, que, num período de 11 meses, equivale a 1.000 acessos por mês, além do *App RadiosNet*, não contabilizados. Neste processo, outros educadores participaram com as incursões, com a produção de *podcasts*, de suas autorias, voltados ao segmento educacional, dentre eles: Papo de Educador; Edu e Dai Podcast; Educaramba (do Instituto Singularidades) e Integra Edu; incluindo o *#LiveCastEdu* (feito ao vivo na própria rádio), onde, também, é concluída a produção. A última ação da *RadioEdu Brasil* é a parceria com o curso de formação em “Mídias e Tecnologias na Interface Educação e Comunicação”, promovido junto aos grupos de pesquisas Mecom⁸ e

⁷ O trabalho pode ser conferido no site <https://radioedu.com.br>

⁸ Mediações Educomunicativas, coordenado pelo professor Adilson Odair Citelli, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Polifonia⁹, com a produção do *EducomCast*, que elenca, no formato *podcast*, os dez encontros formativos.

Considerações finais

A interface e o projeto fazem um destaque especial para a valorização e o trabalho com as linguagens na educação e nos diversos segmentos de ensino, como base dos referenciais de currículos e das práticas pedagógicas em formação. Ou seja, os percursos são construídos a partir das linguagens nas interações dos sujeitos com seus pares, a realidade e o contexto que está inserido e os construtos que realiza nas interações com o mundo.

Este ensaio quis demonstrar quanto é importante a inclusão e uso da rádio nos contextos de formação da educação básica e de formação inicial e continuada de professores, por meio de um projeto que contemple a amplitude das vozes dos sujeitos. Para isso, uma das possibilidades apresentadas é a produção dos enunciados/discursos nos programas de rádio/*podcasts*, cuja presença ainda depende de uma formação mais efetiva dos profissionais de educação, bem como da aquisição e garantia de materiais e equipamentos, uma problemática dentro das instituições, por conta dos limitados investimentos.

Apesar disso, iniciativas são bem-vindas para romper a barreira que ainda se faz presente nas atividades docentes e proposições reais com os projetos, como foi o exemplo deste, que, ao dar voz e sentido às produções de professores e alunos sobre os fatos, notícias e conhecimentos no âmbito do currículo e formação oficial, mostra que essas possibilidades são reais, como evidencia a programação da *RadioEdu Brasil*. Nesse entendimento, mantém sua grade organizada numa série de *podcasts*, que são produzidos por professores e instituições educacionais, desenvolvendo a participação em iniciativas educacionais, a fim de propiciar experiências com a produção de mídias digitais ou analógicas. Iniciativa “solo”, mas necessária para os agentes da

⁹ Observatório de Educomunicação, coordenado pela professora Edilane Carvalho Teles, do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia.

aprendizagem ativa, nos diversos segmentos, espaços e contextos sociais e culturais. É uma mídia que possibilita essa amplificação.

Um exemplo desta amplitude é um dos programas da grade, o *EducomCast*, que, do primeiro ao décimo episódio, busca dialogar sobre os percursos da interface e as muitas relações construídas no fazer das práticas educomunicativas, das metodologias ativas às temáticas mais contemporâneas, que envolvem o ensino remoto e híbrido, os audiovisuais, as *fake news*, os *memes*, o *WhatsApp*, o *Instagram* e os *games*, todos individualizados e situados nos contextos educacionais, preferencialmente sob o viés da educomunicação, em diálogo com uma formação midiática e tecnológica dos professores. Uma tentativa de ampliar, por meio da linguagem sonora, as discussões sobre a complexidade e multiplicidade da práxis formativa.

Referências bibliográficas

ANDRELO, R. **O rádio a serviço da educação brasileira: Uma história de nove décadas** (Unesp/Bauru). Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640044>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BRASIL. Empresa Brasil de Comunicação (EBC). **Rádio MEC**. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/mecamrio>>. Acesso em 22 de outubro de 2020a.

BRASIL. Ministério das Comunicações. **O rádio no Brasil: No ar há 91 anos**. Disponível em: <<https://www.abert.org.br/web/notmenu/item/21354-o-radio-no-brasil-no-ar-ha-91-anos.html>>. Acesso em 22 de outubro de 2020b.

FERRARETTO, L. A. **Rádio Teoria e Prática**. Summus, São Paulo, 2014.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasil, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

PRIMO, A. F. T. Para além da emissão sonora: As interações no podcasting. **Intexto**, Porto Alegre, RS, n. 13, p. 64-87, dez. 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4210>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

RADIOEDUBRASIL. **EducomCast – O seu podcast sobre educomunicação**. Disponível em: <<https://www.spreaker.com/show/radioedu>>. Acesso em 12 de ago. 2021.

RANGEL, J. A. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4714.pdf>>. Acesso em 22 de outubro de 2020,



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021

ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.